

DO PATERNALISMO À AUTONOMIA

Alan Fernandes

Graduando em filosofia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro

RESUMO: De 4 em 4 anos somos convidados a escolher aqueles que, durante mais 4 anos, serão os que tomarão as rédeas da política em nosso lugar. Política, nesse sentido, está longe de ser a manifestação das vontades do povo, mas dos soberanos, a quem constantemente delegamos a satisfação de nossos desejos, sempre a pensar que nunca seremos nós mesmos a pavimentar o caminho para uma sociedade mais justa, mas sempre um terceiro, a nos colocar sob a circunstância de seres passivos. Nesse contexto as candidaturas, incluso as com as melhores retóricas, não superam o aspecto do cuidado e o paternalismo. Se concedermos a outros o direito da fala, podemos pelo menos gritar? O que sobra para a esquerda senão uma renovação de seus algozes?

PALAVRAS-CHAVE: eleições; autonomia; luta de classes; democracia; socialismo

ABSTRACT: Every 4 years we are invited to choose those who, for another 4 years, will be the ones to take the reins of politics in our place. Politics, in this sense, is far from being the manifestation of the wills of the people, but of the rulers, to whom we constantly delegate the satisfaction of our desires, always thinking that we will never be the ones to build the path to a more equal society, but always a third party, putting us under the circumstance of passive beings. In this context the petitions, even those with the best rhetoric, do not overcome the aspect of care and paternalism. If we grant others the right to speak, can we at least scream? What is left for the left-wing but a renovation of its tormentors?

KEYWORDS: elections; autonomy; class struggle; democracy; socialism

Em “Que Fazer?”, uma de suas célebres intervenções sobre as tarefas do Partido Operário da Social-Democracia Russa, V. I. Lênin postula que a situação em que os trabalhadores se encontram perante a exploração não possibilita uma crítica radical da sua condição de explorados.

Sendo assim, a consciência dos trabalhadores desenvolvida espontaneamente não ultrapassa a crítica da espoliação em escala local, sendo inócua para combater o capitalismo em sua totalidade. Os marxistas-leninistas crêem ser esta a originalidade do pensamento de Lênin, e daí resultam as correntes que destituem da experiência concreta dos trabalhadores a utopia de uma sociedade mais justa.

Na esquerda tornou-se hegemônico, mas não consenso, esse tipo de leitura que acredita que os trabalhadores precisam ser educados para construir um modo de vida melhor. Autores como Bernardo (2005) desafiam essa concepção:

Em qualquer luta importa mais a forma de organização dos participantes do que o conteúdo ideológico inicial. A tomada de consciência faz-se através da possibilidade que cada pessoa tiver de colaborar na condução prática da luta, sem se limitar a ouvir doutrinas ensinadas por outros. A aprendizagem ideológica só é criativa quando ajuda a conceptualizar experiências já adquiridas ou em vias de aquisição; e quanto mais profundamente vividas forem essas experiências tanto mais longe se pode levar a aprendizagem ideológica. É a luta o fundamento e o principal motor desta pedagogia, e a autonomia ou se aprende a partir de uma base prática ou não se aprende. (BERNARDO, 2005, s.p)

Ou seja, não é o fator externo, mas o caráter prático que possibilita a existência de uma alternativa radical à sociedade. Oscar Wilde (2013), em uma escala maior, postularia que o socialismo autoritário seria incompatível com a satisfação material do trabalhador, sendo este o conteúdo do socialismo, e não um esboço metafísico erguido pelos intelectuais.

Se a reflexão chegou até aqui, é porque na esquerda ainda existe um messianismo “proletário” que procura contrastar com um messianismo *mainstream*. Mais uma vez Wilde (2013) nos é certo ao postular que a forma não pode ser incompatível com o conteúdo, sem o qual não se pode concretizar a utopia:

[...] O que é um projeto prático? É um que ou já está em vigência, ou que poderia ser posto em execução nas condições vigentes. Mas é exatamente contra essas condições que ele se insurge; e qualquer projeto que pudesse aceitá-las seria injusto e descabido. Passarão as condições, e a natureza humana se transformará. (WILDE, 2013, p. 73)

Essa conclusão literária não difere em nada do que em filosofia política pode se conceber como os sujeitos sociais adquirindo papel ativo na sua libertação. Bernardo (2015, s.p) postula-o da seguinte maneira:

Por modesta que seja uma experiência, os participantes vão-se habituando a dirigir a sua actividade e vão aprendendo na prática aquilo que opõe essa solidariedade e esse colectivismo ao Estado capitalista. É esta a única maneira sólida como os trabalhadores podem, no plano prático, reforçar progressivamente a sua capacidade de organizar as empresas e a sociedade e, no plano ideológico, forjar uma consciência de classe.

Ou seja, não é no âmbito teórico, mas prático, que a sociedade pode se opor às condições de vida a que se insere.

Por que falar de prática, afinal? Ora, a atividade prática não está dissociada da atividade intelectual. Por que seria de tão difícil interpretação? Os marxistas só teriam de recorrer àquilo que o próprio mestre escreveu na segunda de suas *Teses sobre Feuerbach*:

A questão de saber se ao pensamento humano pertence a verdade objectiva não é uma questão da teoria, mas uma questão *prática*. É na práxis que o ser humano tem de comprovar a verdade, isto é, a realidade e o poder, o carácter terreno do seu pensamento. A disputa sobre a realidade ou não realidade de um pensamento que se isola da práxis é uma questão puramente *escolástica*.(MARX, 1982. s.p.)

Portanto, tal como a autonomia intelectual é possível, também a autonomia no âmbito prático existe e se contrapõe como elemento ideológico ao messianismo das agendas político-partidárias.

Assim como a autogestão da sociedade se prepara na autogestão das lutas (BERNARDO, 2005), os sujeitos sociais compreendem-se como seres de luta a partir de sua prática reflexiva.

Não existe tanto para Bernardo, e como veremos, também em Bogdanov, espaço para interpretar teoria e ação ou consciência e realidade como entidades antagônicas. O que fazemos com a estrutura da mente só é possível porque entendemos a noção do “eu” enquanto um eu-em-relação, não enquanto um sujeito transcendental (BOGDANOV, 2021).

Bogdanov é da concepção de que a filosofia pressupõe atividade concreta e reflexiva, daí a desvirtualização da dualidade entre teoria e prática, sujeito e objeto. Nesse sentido:

O desenvolvimento da consciência de classe contém uma particularidade filosófica. De início, ela se apresenta espontaneamente e de forma assistemática, transformando-se pouco a pouco em uma filosofia ‘artesanal’ dos proletários. (BOGDANOV, 2016. P. 8. Tradução nossa)

Dessa maneira, a filosofia política de Bogdanov contrasta com a de Lênin, que para Lukács (2012) é definida como “consciência atribuída”, isto é, “de fora”. Para o primeiro, tentar ensinar o socialismo aos trabalhadores em luta é o mesmo que ensinar o cozinheiro a cozinhar. Cozinhar ele já sabe, e é a luta, não os intelectuais, quem determina a autenticidade de uma receita.

Bogdanov advertiu seu antigo companheiro Lênin e as correntes que o seguiram de que uma organização proletária só seria possível mediante uma cultura proletária (BOGDANOV, 2022).

Castoriadis (1964) percebeu-no também ao escrever sobre a revolução de outubro:

A Revolução Russa nos obriga a refletir não somente sobre as condições de uma vitória do proletariado, mas também sobre o conteúdo e o destino possíveis dessa vitória, sobre sua consolidação e seu desenvolvimento, sobre os germes de um fracasso cujo alcance transcende infinitamente a vitória de Versalhes, de Franco ou dos tanques de Krushev. Porque esmagou os exércitos brancos, mas sucumbiu à burocracia que ela mesma engendrou, a Revolução Russa nos põe diante de problemas de natureza diversa daqueles relativos à tática ou aos métodos da insurreição armada ou à avaliação correta da correlação de forças. Ela nos obriga a refletir sobre a natureza do poder dos trabalhadores e sobre o que entendemos por socialismo. (CASTORIADIS, 1964, p. 227)

Mais adiante, o socialista autogestionário formula que é este caráter ativo do proletariado enquanto classe que se fez ausente, e que determinou o desenvolvimento do capitalismo de estado na Rússia. Ou seja, não há espaço para uma consciência vinda de fora que seja mais socialista do que aquela fornecida pela prática-reflexiva dos próprios trabalhadores no decorrer de suas organizações. Destino cruel este que lhes deu razão. Mas por que falar de práxis?

* * *

O cenário político-social brasileiro encontra-se conturbado como nunca e são inegáveis os retrocessos experimentados nos últimos anos, encarnados sobre o projeto político do bolsonarismo. Este projeto experimenta um novo modo de governar. Alguns arriscam chamá-lo de desgoverno, mas afinal, que governo não governa?

o que parece é que Bolsonaro entrou no governo não para *governar*, mas para *destruir* o “sistema”. Bolsonaro e o bolsonarismo são radicais – justo aquilo que a esquerda um dia já foi. Bolsonaro faz política, e política é conflito. Bolsonaro foi eleito porque apresentou no âmbito político a proposta que mais se adequou à conjuntura e que foi apresentada da forma mais simples e direta possível, falando a linguagem das massas de eleitores – e fugindo de debates. O PT defendeu coisas em

que cada vez menos gente acredita: democracia e direitos. Depois de décadas no poder e uma conjuntura mundial de crise, todo mundo parece saber que isso é hipocrisia. Enquanto o PT repisava e vendia algo que fez pela metade, Bolsonaro “falou a real”: “não tem democracia”, “o Brasil tá uma merda, tá uma guerra” e “eu te dou uma arma para você se defender da bandidagem”. As pessoas votaram preferindo o cinismo de Bolsonaro ao invés da hipocrisia do PT. (PASSA PALAVRA, 2019. s.p.)

No ano seguinte, Polese (2020) arrisca afirmar que a declínio institucional do campo democrático-popular contribuiu para o advento de novas figuras na esteira do bolsonarismo:

[...] o bolsonarismo teve nos governos democrático-populares uma antessala que tornou possível que a tendência marginal do fascismo bolsonarista se convertesse em tendência dominante, chegando ao ponto de conseguirem eleger o presidente e uma ampla gama de representantes nos mais diversos níveis do Executivo e Legislativo. (POLESE, 2020. S.p.)

Se naquela ocasião as tendências mais (supostamente) *anti-establishment* da direita puderam ascender; no momento da escrita deste artigo, o Rio de Janeiro volta a reeleger Romário (PL), candidato de Bolsonaro ao Senado. Ficam então, para os próximos 4 anos, 3 bolsonaristas representando o RJ. O retrocesso retrata uma derrota mais ampla. Segundo o Correio Braziliense, de 27 senadores eleitos para os próximos 8 anos, 20 são alinhados à Bolsonaro.¹⁵ Alessandro Molon (PSB), o candidato mais próximo de um progressismo, ficou em segundo lugar, à frente de Daniel Silveira (PTB) e Clarissa Garotinho (União Brasil).

Só para elucidar o estado geral, que não pode ser minimizado com a eleição de Lula, figuras como Damares (Republicanos), Sérgio Moro (PR), Mourão (Republicanos) e Marcos Pontes (PL) “cuidarão” dos brasileiros no Senado nos próximos 8 anos. À primeira vista pode-se pensar nessas figuras debandando da chapa de Bolsonaro, mas é muito pelo contrário, o que ocorre é um alastramento da influência bolsonarista em segmentos onde ele precisaria de apoio em uma eventual reeleição, é possível entender isso a partir da expressão “entregar a mão para salvar o braço”¹⁶. Todos devem sua popularidade ao Presidente da República (apesar de nem todos gozarem do mesmo prestígio, como é o caso de Moro e

15 Ver aqui: < <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/10/5041513-dos-27-senadores-eleitos-neste-ano-20-sao-apoiadores-de-bolsonaro.html> >

16 Essa expressão foi popularizada pelo personagem Capitão Nascimento do filme *Tropa de Elite*, de José Padilha. Nascimento é um policial com fortes tendências autoritárias e que crê que as polícias são a única instituição que permanece “íntegra” diante do sistema. Só no segundo filme Nascimento percebe que não conhece as nuances da corporação a que é filiado. Reacionários identificaram-se mais com o primeiro filme do que com o segundo, vide seu comportamento brutal em investidas policiais.

Mourão). Diante do cenário defensivo em que a esquerda se encontra, o que parece ser mais urgente é entender quais são as tendências que estão em jogo e como sair desse estado.

Diante de uma política imprudente na pandemia, de irresponsabilidade com os mais pobres e de desprezo pelas pautas inclusivas, surge diante às cinzas uma figura que ascende no cenário eleitoral opondo-se a essa política com promessas de dias melhores – crê-se que Luiz Inácio Lula da Silva (PT) está novamente preparado para o serviço. Em entrevista para a *Economist*¹⁷, acerca do atual desafio, afirma que:

[...] em 2002 disputávamos a eleição num clima de democracia. Tivemos dois partidos concorrendo, o PSDB [Partido da Social Democracia Brasileira] e o PT, mas de uma forma civilizada. Hoje estamos preocupados com o restabelecimento do regime democrático brasileiro. [...] Estamos concorrendo a uma eleição num momento em que a situação política é pior, e a democracia sofre ataques todos os dias, ataques onde o presidente não respeita a Suprema Corte, um presidente que nunca falou com os sindicatos, nunca falou com o movimento negro, nunca falou com as mulheres.

Fato é que Lula tem um triunfo que são seus tempos de bonança de seu primeiro e segundo mandatos. A partir de 2012-2013 isso muda e o Partido dos Trabalhadores vive sua maior crise, resultando na condenação de Lula por corrupção e no Impeachment de Dilma Rousseff, sua sucessora. O final do seu primeiro mandato coincide (se é que pode se chamar de coincidência tal arranjo político) com as jornadas de junho que se estendem até 2014. Não à toa, começa a aparecer na esquerda a tese de que estaria sendo promovida uma “guerra híbrida” em que a direita estaria capitalizando as revoltas de junho como uma reação fascista.

Justiça seja feita, não se pode negar o apoio da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), mercado financeiro e grande parte do *establishment* contra o projeto democrático-popular e o legado deixado pelo governo, mas daí para associar as jornadas de junho às “guerras híbridas” é um exercício demofóbico (MEDEIROS, 2020). Excepcional é a conclusão que chegaram um grupo de militantes a despeito do paradoxo da democracia em meio ao turbilhão social de 2013:

Desde 2013, a esquerda fugiu da revolta. E fez isso estendendo a bandeira da democracia. Por um lado, podia dizer que os protestos eram um perigo à ordem democrática e justificar a repressão;[5] ao mesmo tempo, podia elogiar as manifestações e enquadrá-las nessa ordem – ao enxergar em junho um movimento por “mais direitos” e “mais democracia”, apagava o conteúdo concreto e contestatório dos protestos. A luta contra aquele aumento de 20 centavos não apenas tocou num aspecto crucial das condições materiais de vida na metrópole, como

17 Ver aqui: < <https://www.economist.com/the-americas/2022/09/30/how-luiz-inacio-lula-da-silva-would-govern-brazil> >

expôs os limites dos canais de participação que vinham sendo aperfeiçoados nos últimos governos. A violência que tomou as ruas deixou o discurso democrático sem lugar. (UM GRUPO DE MILITANTES, 2019. S.p.)

Para conservar sua reputação e cumprir a promessa de dias melhores, Lula precisa endireitar-se, nos dois sentidos possíveis para a palavra. Precisa ter destreza ao se desassociar dos casos de corrupção e “politicagem” que caracterizam suas gestões anteriores; paradoxalmente precisa recorrer à mesma estratégia que o alavancou e que possibilitou sua aceitação na corte política – fazer acenos ao “Centro” e à centro-direita que encontra-se dividida com relação à Bolsonaro.

Lula tem como vice Geraldo Alckmin (PSB), uma figura carimbada e marcada pelo seu recente antagonismo. Alckmin é reconhecidamente um rosto à direita cuja importância é consolidar um novo pacto nacional em que tudo vale e que vale tudo pela “democracia”. Além disso, já costura conceder uma vaga de destaque em seu governo para Meirelles, seu antigo ministro da economia, que anos depois rivalizou com Dilma e desferiu críticas ao petismo. Marina Silva (REDE) também já acenou apoio ao ex-presidente, e expoentes do impeachment de Dilma Rousseff hoje se vêem do outro lado do muro. Perguntado sobre a situação no Brasil, em dezembro de 2018, Zizek afirma que:

Jamais devemos esquecer que uma democracia (e aqui não me refiro a uma autêntica democracia do povo, mas uma simples democracia multipartidária, em que diversos partidos disputam o poder) só funciona sob o pano de fundo de certo consenso ou pacto. Você pode fazer suas escolhas, promover seus debates etc., mas somente dentro dos limites de certo pacto ou marco consensual. De forma que, por exemplo, nos Estados Unidos você tem os Republicanos e os Democratas. É verdade que eles têm suas diferenças, mas eles compartilhavam todo um conjunto de ideias e premissas básicas. O mesmo valia para a Europa Ocidental. (ZIZEK *apud* BOITEMPO, 2018. S.p.)

Lula (*apud*. MOLITERNO,2022) procura caber dentro deste consenso e por isso apresenta um discurso mais brando do que aquele com que iniciou sua vida política, mas não muito diferente daquele que já carregava no ano de sua primeira eleição, ocasião em que escreveu a *Carta aos Brasileiros*. O petista remete ao ato de “cuidar” dos brasileiros.

“Cuidar” segundo o Houaiss (2022), tem o tom de “responsabilizar-se por”, “administrar”, “tratar”, características que pressupõem um controle externo. Foi esse também o jargão de Marcelo Crivella (PRB) ao vencer a disputa à prefeitura do Rio de Janeiro. É claro que também existe outra forma de pensar o cuidado, como por exemplo, ao referir-se à

ética do cuidado, tese defendida por algumas pensadoras na filosofia. Mas da etimologia do termo, “care” refere-se ao cuidado como objeto. Ou seja, o ser social é objeto e não sujeito na relação. Problema que Paulo Freire impôs em suas reflexões pedagógicas:

Se, na experiência de minha formação, que deve ser permanente, começo por aceitar que o *formador* é o sujeito em relação a quem me considero o *objeto*, que ele é o sujeito que *me forma* e eu, o *objeto* por *ele formado*, me considero como um paciente que recebe os conhecimentos-conteúdos acumulados pelo sujeito que sabe e que são a mim transferidos. Nesta forma de compreender e de viver o processo formador, eu, objeto agora, terei a possibilidade, amanhã, de me tornar o falso sujeito da “formação” do futuro objeto de meu ato formador. É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem *fornar* é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. (FREIRE, 1996. P.13)

Ao falar em “cuidar” fica evidente o sentido semântico e prático onde surge a figura sujeito-objeto onde há uma passagem de um discurso de “protagonismo” para “cuidado”. Dessa mudança de narrativa, na verdade, resulta uma mudança de paradigma: não são os trabalhadores a conquistar melhorias por meio de sua autonomia, mas o melhor representante a personificar a graça paternalista. Esse paradigma é profético do que se tornou a nossa esquerda nos últimos tempos:

As lutas autônomas dos trabalhadores dos anos 1970 resultaram na formação do mais potente instrumento político que jamais tiveram – o *Partido dos Trabalhadores* (PT). Não por acaso, foi entre intelectuais petistas de primeira hora (Eder Sader, Marilena Chauí, Marco Aurélio Garcia, Herbert Daniel, Marcos Nobre, Maria Célia Paoli, Silvio Caccia Bava, Vera Silva Telles, Amnéris Maroni etc.) que emergiu no Brasil o autonomismo: foi o grupo da revista **Desvios** quem, nas cinco edições publicadas aperiodicamente entre 1982 e 1986, trouxe à militância de esquerda brasileira nomes como Negri, Guattari, Castoriadis, Lefort e outros “autores” de “textos” tão caros aos autonomistas de hoje (e àqueles que lhes fazem as cabeças); não por acaso, a velha **Política Operária** optou por dissolver-se no interior do partido; não por acaso, os exilados em contato com as lutas autônomas dos trabalhadores na Europa retornaram com “outras ideias”, que desembocaram no PT e no *Partido Verde* (PV) [...] (PASSA PALAVRA, 2015. s.p.)

Assim, a palavra de ordem, “por um controle operário” converteu-se em “por um governo *para* os trabalhadores”. No ato de fundação do partido, mesclavam-se aspirações genuinamente autônomas com um sentimento de que seria preciso um esforço para recorrer às instâncias formais de decisão, nota-se esse caráter popular em um trecho retirado do manifesto da fundação do Partido dos Trabalhadores:

Em oposição ao regime atual e ao seu modelo de desenvolvimento, que só beneficia os privilegiados do sistema capitalista, o PT lutará pela extinção de todos os mecanismos ditatoriais que reprimem e ameaçam a maioria da sociedade. O PT lutará por todas as liberdades civis, pelas franquias que garantem, efetivamente, os direitos dos cidadãos e pela democratização da sociedade em todos os níveis. Não existe liberdade onde o direito de greve é fraudado na hora de sua regulamentação, onde os sindicatos urbanos e rurais e as associações profissionais permanecem atrelados ao Ministério do Trabalho, onde as correntes de opinião e a criação cultural são submetidas a um clima de suspeição e controle policial, onde os movimentos populares são alvo permanente da repressão policial e patronal, onde os burocratas e tecnocratas do Estado não são responsáveis perante a vontade popular. O PT afirma seu compromisso com a democracia plena e exercida diretamente pelas massas. Neste sentido proclama que sua participação em eleições e suas atividades parlamentares se subordinarão ao objetivo de organizar as massas exploradas e suas lutas. Lutará por sindicatos independentes do Estado, como também dos próprios partidos políticos. (PARTIDO DOS TRABALHADORES, 1980. S.p.)

Na esteira do que o Passa Palavra menciona sobre o papel do autonomismo na dissolução das lutas em favor do partido, Mendes (2009, p.289) lembra o papel que Negri sugeriu à esquerda latino-americana:

O fracasso do passado inspira a esperança no presente. O “vento da democracia começa a se tornar impetuoso no subcontinente americano”. A construção atual da democracia se torna possível, segundo Cocco & Negri, exatamente no exercício contínuo das lutas sempre singulares pela emancipação e interdependência no continente, bem como através da nova dimensão do trabalho imaterial e da cooperação social. Se o desafio político aberto pela recente eleição de governos de esquerda passa pela relação inconclusa (de interlocução e ruptura) entre movimentos e governos, é o conceito de poder constituinte que se torna ao mesmo tempo evidente e enigmático.

De uma teoria das vanguardas, a palavra de ordem da consciência vinda de fora, que chamamos cultura messiânica, originou uma teoria das vanguardas, relegando aos trabalhadores em luta o caráter passivo sobre o processo de transformação da sociedade. De outro lado, Lucia Bruno postula:

Quando o conjunto dos trabalhadores de uma empresa ou o conjunto dos moradores de um bairro lutam e decidem coletivamente as suas questões, eles mantêm em mãos o poder de decisão, desenvolvendo a sua coesão e a sua consciência revolucionária. (BRUNO, p.45)

Por isso não é menos importante do que uma discussão do que fazer ou quem eleger no curto prazo, discutirmos como colocar a autonomia no centro do debate, o que implica necessariamente em nos posicionarmos como sujeitos políticos, ao invés de sujeitos que promovem políticos:

Ao intervir nas lutas de nosso tempo, saímos de nossa zona de conforto. Se já o fazemos na prática, é preciso fazê-lo igualmente em nossas reflexões políticas. Isto implica em sair do debate estéril – e politicamente ambíguo – do “governismo” e entrar no debate *do fortalecimento da classe através de conquistas materiais e culturais*. (PASSA PALAVRA, 2015. s.p.)

Sobre essa ineficácia política, Barros também afirma que o mínimo que podemos fazer é repensar o conceito de política, senão as lutas sociais não serão travadas por sujeitos sociais, mas por líderes sociais:

E é evidente que o jovem não tem só desinteresse por isso que hoje se chama “política”, como detesta aqueles que a defendem. Não sem razão. Lula não conseguirá compreender esse processo, mas a sua permanência como única possibilidade para a esquerda, a falta de novos agentes de seu próprio partido, a ausência completa de questionamento ou crítica às instituições, depõe a favor do jovem que se revolta. É preciso tirar a noção de política, resgatá-la, desse imaginário de um consenso que apenas nos guia à reprodução da mesma lógica exploratória. No fundo, essa política sem política é simplesmente uma gestão da economia que forma burocratas especializados no mercado eleitoral. Uma obrigação engessada que pede de dois em dois anos que saíamos com nosso título eleitoral na mão para fazer nosso “papel de cidadão”. É preciso, portanto, derrubar essa noção da política como conciliação de interesses se quisermos realmente construir o sentido do político. E sendo assim, para revigorar um imaginário da política é preciso perguntar novamente: que é isso, a política? Ou seja, fazer o paradoxal exercício ensinado por Hegel de que para fazer uma ideia avançar é preciso retornar aos seus fundamentos. (BARROS, 2021. S.p.)

Deixados com a terra arrasada do bolsonarismo, não podemos ignorar que, dentre os que querem cuidar, cuidam cada um de sua maneira; mas não seria essa a perpetuação ideológica da anulação da prática material (BERNARDO, 1991)?

Se for isto utópico, é mais um atestado de derrota, pois "um mapa-múndi que não incluía a utopia não é digno de consulta, pois deixa de fora as terras a que a humanidade está sempre aportando." (WILDE, 2013. P. 44).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Douglas Rodrigues de. A política como conflito. **Blog da Boitempo. Set.** 2021. Disponível em: < <https://blogdaboitempo.com.br/2021/09/09/a-politica-como-conflito/> > (Acesso em Out. 2022)
- BERNARDO, João. A autogestão da sociedade prepara-se na autogestão das lutas. **Piá Piou**, Vol. 3, 2005.
- BERNARDO, João. **Economia dos conflitos sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.
- BOGDANOV, Alexander. Poesia Proletária. **Passa Palavra. Set.** 2022. Disponível em: < <https://passapalavra.info/2022/09/145706/> > (Acesso Out. 2022)
- BOGDANOV, Alexander Aleksandrovich. **The philosophy of living experience: popular outlines**. Boston: Brill, 2015.
- BOGDANOV, Alexander Aleksandrovich. **Toward a New World: Articles and Essays, 1901-1906**. Boston: Brill, 2021.
- CASTORIADIS, Cornelius. **O papel da ideologia bolchevique no nascimento da burocracia**. In: CASTORIADIS, Cornelius. A experiência do movimento operário. São Paulo: Editora Brasiliense. 1964.
- BOITEMPO. Žižek: A eleição de Bolsonaro e a nova direita populista. Blog da Boitempo. Dez. 2018. Disponível em <<https://blogdaboitempo.com.br/2018/12/04/zizek-a-eleicao-de-bolsonaro-e-a-nova-direita-populista/>> (Acesso em Set. 2022)
- FOLHA ONLINE. Leia íntegra da carta de Lula para acalmar o mercado financeiro. **Folha de São Paulo. Jun. 2002.** Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u33908.shtml>> (Acesso em Set. 2022).
- FREIRE, Paulo. **A Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra. 1996.
- HOUAISS. “**Cuidar**” Disponível em <<https://houaiss.uol.com.br/>> (acesso em Set. 2022)
- LUKÁCS, György. **História e Consciência de Classe: Estudos sobre dialética marxista**. 2ª Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- MARX, Karl. **Teses sobre Feuerbach**. Marxists' Internet Archive. 1982. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1845/tesfeuer.htm> (Acesso em Set. 2022)
- MENDES, Alexandre *et al.* Glob (AL): biopoder e luta em uma América Latina globalizada. **Liinc em Revista**, v. 5, n. 2, 2009.
- MOLITERNO, Danilo. “Ser patriota é cuidar de todos os brasileiros”, diz Lula no 7 de Setembro. **CNN Brasil. Set. 2022.** Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/ser-patriota-e-cuidar-de-todos-os-brasileiros-diz-lula-no-7-de-setembro/>> (Acesso em Set. 2022).

MEDEIROS, Jonas. “Guerras Híbridas” um panfleto pró-putin e demofóbico. **Passa Palavra**. Jan. 2020. Disponível em: < <https://passapalavra.info/2020/01/129676/> > (Acesso em Out. 2022)

PARTIDO DOS TRABALHADORES. Manifesto de Fundação do Partido dos Trabalhadores. PT.org.br Out. 1980 Disponível em: < <https://pt.org.br/manifesto-de-fundacao-do-partido-dos-trabalhadores/> > (Acesso em Set. 2022)

PASSA PALAVRA. Reflexões sobre a autonomia (6): classe e autonomia na era PT. **Passa Palavra** Mai. 2015. Disponível em: <<https://passapalavra.info/2015/05/104053/>> (Acesso em Set. 2022).

PASSA PALAVRA. Bolsonarismo: a ala insurgente da direita brasileira? **Passa Palavra** Jun. 2019. Disponível em: <<https://passapalavra.info/2019/06/126643/>> (Acesso em Set. 2022)

POLESE, Pablo. Teses sobre o bolsonarismo e a conjuntura brasileira. **Passa Palavra**. Jul. 2020. Disponível em < <https://passapalavra.info/2020/07/133249/> >

THE ECONOMIST. How Luiz Inácio Lula da Silva would govern Brazil. *The Economist* Set. 2022 Disponível em: < <https://www.economist.com/the-americas/2022/09/30/how-luiz-inacio-lula-da-silva-would-govern-brazil> >

WILDE, Oscar. **A alma do homem sob o socialismo**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2013.

UM GRUPO DE MILITANTES. Olha como a coisa virou. **Passa Palavra**. 2019 Disponível em < <https://passapalavra.info/2019/01/125118/> > (Acesso em Set. 2022).